

Pontos de Referência no Nevoeiro

por Christopher A. Ferrara

Ao longo dos últimos dois anos e meio, fartámo-nos de ouvir da tagarelice neomodernista sobre a “inclusão” e a abertura das portas da Igreja – como se elas antes estivessem fechadas. Também ouvimos muita retórica demagógica sobre “ir ao encontro das pessoas onde elas estiverem” – como se a “misericórdia” significasse que a Igreja se deva adaptar às pessoas com os pecados que elas têm, porque a “realidade” é que os pecadores são muitos e os pecados constantes.

Também somos testemunhas do menosprezo programático pela doutrina católica em si mesma, como se a Palavra de Deus revelada não fosse mais do que um conjunto de “regras” que podem ser “dispensadas” no âmbito da disciplina, sob o pretexto da “misericórdia”. O Arcebispo Paul-André Durocher, do Quebec, um dos principais agitadores do progressismo durante os tumultuosos Sínodos de 2014-2015, tipifica esta falsa oposição entre a doutrina e a disciplina do seguinte modo: “Será uma questão de doutrina ou de disciplina?... Quem quiser doutrina, que leia Denzinger.” Tal desprezo temerário, por parte de membros da alta hierarquia, pelas doutrinas da Fé representa uma nova fase do avanço daquilo a que Monsenhor Guido Pozzo chamou a “ideologia paraconciliar.” E, como tal, é um ataque contra o Catolicismo.

No meio do nevoeiro da confusão que atualmente emana de Roma e de muitos prelados que evocam incessantemente o nome de Jesus, enquanto enterram no silêncio as Suas “palavras duras”, nós precisamos de recuperar a perspectiva de alguns pontos de referência da nossa Fé.

Em primeiro lugar, é evidente que Nosso Senhor é misericordioso. Ele é o próprio Rei da Misericórdia. Mas a Sua misericórdia é para com aqueles que aceitam a graça do *arrepentimento*, corrigem o seu modo de vida e *passam a obedecer* aos Seus mandamentos. Diz Nosso Senhor: “Se Me amardes, observareis os Meus mandamentos... Se observardes os Meus preceitos, permaneceréis no meu Amor, assim como Eu também tenho observado os preceitos de meu Pai e permaneço no Seu Amor.” (João 15:10; 14:15)

Ponto de referência Nº 1: Nosso Senhor disse que nós permaneceremos no Seu Amor com esta condição: “*se observardes os Meus mandamentos*”; Jesus não disse: “*quer os observeis quer não*.”

Em segundo lugar, foi o próprio Nosso Senhor que nos deu aquele aviso de que os eclesiásticos modernos fogem como da peste: “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ela. Mas quão estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida eterna: e poucos são os que a encontram (Mat. 7:13)



Christopher Ferrara com o Padre Nicholas Gruner no Vaticano, durante o Sínodo de 2014. Como afirma o Dr. Ferrara, “[N]unca a desorientação foi tão profunda como agora, neste momento da História da Igreja.”

Ponto de Referência Nº 2: *A Igreja Católica é a porta estreita* de que fala Nosso Senhor. No entanto, e por muito paradoxal que pareça, a verdade é que a porta estreita é fácil de encontrar – para aqueles que, por sua livre vontade, correspondam à graça que Deus dá a todos os homens para que eles se possam salvar.

Em terceiro lugar, se correspondermos à graça que conduz à porta “estrita” da Igreja e ao caminho para a salvação, *atenderemos à Verdade do Evangelho* que Cristo e os Apóstolos proclamaram e que a Igreja tem transmitido através dos séculos, para edificação e salvação de todos os homens: Deus quer que *todos os homens se salvem*, e cheguem ao conhecimento *da Verdade* (1Tim 2:4)

Ponto de Referência Nº 3: *A obediência à Verdade* é o que nos salva, pela graça e misericórdia de Deus: “E conhecereis *a Verdade* e *a Verdade* vos libertará” – é a promessa que Nosso Senhor nos faz. Por outro lado, tal como Nosso Senhor nos avisa, “*todos aqueles que cometem pecado, são escravos do pecado* (João 8:31-34). O pecado é a escravidão. Viver conforme a Verdade é a liberdade. A escravidão conduz à morte, enquanto “a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rom 8:21) conduz à felicidade eterna.

Em quarto lugar, a Verdade que a Igreja proclama – que nos faz livres e conduz, através da porta estreita, ao caminho da salvação – encontra-se nas suas *doutrinas* (palavra

latina que significa “ensinamento”). As doutrinas da Fé não são outra coisa senão as verdades reveladas *em palavras* por Nosso Senhor e os seus Apóstolos, e apresentadas ao mundo pelo magistério (ofício docente) da Igreja para *serem ouvidas* e, uma vez ouvidas, obedecidas.

Ponto de referência Nº 4: *Somos salvos pela adesão às doutrinas da Fé*, o que é possibilitado pela graça de Deus, especialmente por meio dos Sacramentos. Veja-se, neste sentido, o que o Cardeal Sarah declarou recentemente, numa tentativa óbvia de dissipar o disparate modernista em redor da atual “ofensiva de misericórdia” e do falso “Sínodo sobre a Família”:

“O magistério é o caminho que nos guiará até Deus. Não serve só para proibir coisas que são contra a nossa liberdade, a nossa imunidade. Não. *A doutrina é o caminho da salvação, o caminho da liberdade e imunidade, e o caminho para Jesus.*”

Em suma: Doutrina = Verdade = Liberdade = Salvação. Como é que algo tão simples – algo que pertence à própria essência da nossa Fé Católica – tem sido tão total e absolutamente obscurecido durante os últimos dois anos e meio de incessante retórica sobre a “misericórdia”? A resposta encontra-se na mesma “desorientação diabólica” da alta Hierarquia que a Irmã Lúcia várias vezes mencionou no contexto do Terceiro Segredo de Fátima. Mas nunca a desorientação foi tão profunda como agora, neste momento da História da Igreja.

Decerto não demorará muito até que os acontecimentos vaticinados no Terceiro Segredo atinjam uma consumação que conduzirá, por fim, a uma solução trágica para a crise sem paralelo que estamos agora a testemunhar. -Que aspeto terá a Igreja e o mundo naquele momento? -Só Deus o sabe!...